



**EM PAUTA A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:
da instância ficcional à mobilização midiática e social¹**

Welkson Pires²

Resumo

Tendo em vista a amplitude da incidência dos meios de comunicação sobre a experiência social contemporânea, não é descabido afirmar que boa parte do que conhecemos acerca do mundo em que vivemos é influenciado sobremaneira pelas imagens midiáticas. Tais imagens se tornaram predominantes na atual conjuntura, configurando-se como um meio plausível de percepção e experimentação do mundo, o que as leva a influenciar no próprio processo de construção desse mundo. Tomando como objeto de estudo a representação da violência contra a mulher construída no âmbito da telenovela *Mulheres Apaixonadas*, buscaremos desenvolver, no presente artigo, uma análise acerca da mobilização midiática e social gerada a partir de tal representação. Nosso intuito é demonstrar como, a partir de um enredo novelesco, toda uma rede midiática e social de discussão foi instaurada, elevando o tema da violência contra a mulher à pauta do dia, o que contribuiu, em última instância, para o desenvolvimento de um processo de conscientização social que teve como consequência o estabelecimento de ações políticas e jurídicas destinadas a combater essa forma de violência.

Palavras-chave: Telenovela. Rede Informacional. Recepção Midiática.

**THE VIOLENCE AGAINST WOMEN ON THE AGENDA:
from the fictional instance to media and social mobilization**

Abstract

Considering the amplitude of the media impact on contemporary social experience, it is not inappropriate to assert that much of what we know about the world we live in is influenced greatly by the media images. These images have become predominant in the present conjuncture, configuring as a plausible way to perceive and experience the world, which leads them to influence the building process of this world. Taking as object of study the representation of violence against women constructed within the telenovela *Mulheres Apaixonadas*, we will seek to develop, in this article, an analysis of the media and social mobilization generated from this

¹ Uma versão preliminar deste texto foi apresentada, em 2010, no Simpósio Temático “Corporalidade na mídia”, durante o Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos.

² Professor do Instituto de Ciências Sociais da UFAL. Graduado em Comunicação Social pela UEPB, Mestre em Sociologia pela UFPB e Doutor em Sociologia pela UFPE.

representation. Our intention is, from a novelistic plot, to demonstrate how a media and social discussion network was instituted, raising the issue of violence against women to agenda, this contributed, ultimately, for the development of a social awareness process that had as a result the establishment of political and legal actions destined to combat this form of violence.

Key Words: Telenovela. Informational Network. Media Reception.

1 Introdução

Difícil imaginar, hoje, um aspecto da realidade social cuja compreensão não esteja marcada, em algum sentido, pelas imagens midiáticas, tendo em vista que essas se tornaram, para os indivíduos, uma de suas principais vias de acesso ao mundo. Isso só se tornou possível porque os variados *media* atravessaram a experiência cotidiana, estruturando-se sob a forma de uma *rede comunicacional* que se firmou, em última instância, enquanto espaço de socialização: a interação dos indivíduos entre si e com o ambiente do qual fazem parte tornou-se *midiática*, ou seja, mediada por imagens que são oferecidas em telas ubíquas.

Sobre tais imagens, gostaríamos de enfatizar-lhes três aspectos: 1) elas só se efetivaram enquanto *mediadoras* por estarem ancoradas no mundo da vida. Ou seja, os indivíduos se identificam com imagens que lhes são familiares, que falam de vivências, lugares, situações, que fazem parte direta ou indiretamente de suas experiências; deste modo, 2) as imagens midiáticas, em sua totalidade, são percebidas como *potencialmente reais*. Aqui cabe a seguinte afirmação de Bourdieu (1997, p. 28): “a imagem tem a particularidade de poder produzir [...] *o efeito do real*, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver”; 3) considerando que a percepção de mundo dos indivíduos é o suporte que lhes permite agir nesse mundo, podemos afirmar que, ao se colocarem enquanto realidade possível, as imagens midiáticas influenciam o olhar dos sujeitos e, conseqüentemente, suas ações. Em outras palavras, as imagens midiáticas são *mobilizadoras*, elas incitam a uma certa *práxis*, expondo modelos de comportamento apropriados aos mais diferentes momentos da vida cotidiana.

No presente artigo, propomo-nos a analisar essas imagens midiáticas, precisamente aquelas que são veiculadas no âmbito da telenovela brasileira, buscando perceber o impacto que elas têm na sociedade. Em suma, estamos interessados em observar o *poder de mobilização* que as representações novelescas têm em relação aos indivíduos, as ações concretas que elas podem gerar e que culminam numa transformação da realidade social.

Nesse sentido, tomando como objeto de estudo a representação da violência contra a mulher construída no âmbito da telenovela *Mulheres Apaixonadas*, buscaremos desenvolver uma análise acerca da mobilização midiática e social gerada a partir de tal representação. Nosso intuito é demonstrar como, a partir de um enredo novelesco, toda uma rede midiática e social de discussão foi instaurada, elevando o tema da violência contra a mulher à pauta do dia, o que contribuiu, em última instância, para o desenvolvimento de um processo de conscientização social que teve como consequência o estabelecimento de ações políticas e jurídicas destinadas a combater essa forma de violência.

2 A telenovela e a formação de um fórum de debates

A telenovela vem marcando presença na programação televisiva brasileira desde 1951, quando fora veiculada a obra *Sua vida me pertence*, de Walter Foster. Ao passo que se tornou constante na vida dos indivíduos, as narrativas novelescas geraram hábitos, modificaram comportamentos, fomentaram a formação de uma espécie de “comunidade imaginada”³, precisamente porque, durante a sua assistência, elas reúnem direta ou indiretamente telespectadores que passam a compartilhar, por meio delas, os mesmos referenciais.

Nestas últimas décadas, a telenovela brasileira deixou de ser apenas um sinônimo de diversão, pois assumiu, em certo sentido, uma postura *informativa*⁴. Buscando discutir problemáticas de cunho social, ela se firmou como uma espécie de *fórum de debates*. Isso se deu devido a uma aproximação maior desse formato narrativo em relação ao cotidiano presente da população. Ou seja, buscando a otimização dos processos identificatórios, os enredos novelescos passaram a *captar, expressar e atualizar* padrões comportamentais e situacionais que se desenvolvem no âmbito social. Nesse sentido, as temáticas abordadas nas telenovelas apontam para um determinado momento histórico, suscitam questões à reflexão e problemas a serem

³ Benedict Anderson (1991, p. 6), problematizando o conceito de *nação*, definiu essa como sendo uma *comunidade imaginada (imagined community)*: “É *imaginada* porque os membros, mesmo aqueles das menores nações, nunca conhecerão a maioria dos seus compatriotas, nunca os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, no entanto, na mente de cada um encontra-se a imagem da sua comunhão”.

⁴ Tal postura informativa, assumida contemporaneamente pela telenovela brasileira e que, como veremos mais a frente, se materializa de modo mais evidente no que se convencionou chamar de *merchandising social*, é consequência direta de um processo de *factualização da narrativa novelesca*, ou seja, da intensa e sistemática aproximação dos enredos novelescos em relação a conjuntura contemporânea. Embora tal fenômeno possa ser vislumbrado durante todo o desenvolvimento deste artigo, ele foi amplamente sistematizado em uma de nossas pesquisas anteriores, a saber: PIRES, Welkson. *Factualização da telenovela: em foco o novo estatuto da ficção*. In: _____. *Do factual ao ficcional e vice-versa: sobre o trânsito informacional na ambiência midiática*. 2009. 136f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009, p. 43-75.

resolvidos – os indivíduos são impelidos a tomarem uma posição. Por isso, Lopes (2002) ressalta que esse produto midiático se constitui em um veículo privilegiado do imaginário nacional, pois mesmo centrando-se em dramas que se circunscrevem à família, a telenovela é capaz de personificar dramas públicos em termos privados, ao mesmo tempo em que favorece a representação de dramas privados em termos públicos.

E talvez o fascínio e a repercussão pública das novelas estejam relacionados a essas ousadias na abordagem dos dramas privados de todo dia; e o quanto a moral final corresponde a modelos convencionais ou liberalizantes com frequência tem a ver com uma negociação imaginária indireta e cheia de mediações que envolve autores, produtores, pesquisadores de mercado, instituições como a censura, a Igreja e o público (HAMBURGER, 1998, p. 475).

2.1. *Merchandising Social*

Ao aproximar-se do dia-a-dia dos indivíduos, os enredos novelescos acabaram por se sujeitar ao seu ritmo. Mais que isso, incorporaram as mais diversificadas situações e padrões comportamentais, tanto os *legítimos* quanto os *ilegítimos*, que permeiam o complexo social. Ou seja, quando a telenovela imergiu na vida cotidiana, além de se conformar ao *establishment*, também lançou luz sobre questões que se mostravam ainda em processo de resolução ou sequer haviam sido suscitadas. Essa evidenciação novelesca de determinadas questões sociais foi se estabelecendo como uma espécie de *mobilização social*, que chama os indivíduos à discussão, com vistas ao desenvolvimento de uma possível solução para os problemas apontados. Assim, as telenovelas, cada vez mais, se voltaram ao social, às suas incertezas, às injustiças que dele fazem parte, à ignorância generalizada em relação ao outro...

Gradativamente, o trabalho das narrativas novelescas no que diz respeito à problematização de determinados padrões sociais, à evidenciação de situações e comportamentos ainda não assimilados ao senso comum, foi sendo sistematicamente organizado como uma espécie de *merchandising*, diferente daquele voltado à divulgação, com vistas à ampliação das vendas, de produtos materiais⁵. Referimo-nos, aqui, ao que se convencionou chamar de *merchandising social*: “a inserção sistematizada e com fins educativos de questões sociais nas telenovelas e minisséries” (SCHIAVO, 2002, p. 1).

⁵ No âmbito da telenovela, esse tipo de ação visando à venda de produtos materiais, ou seja, o chamado *merchandising comercial*, pode apresentar-se segundo quatro modelos básicos: 1) *menção no texto*: quando as personagens mencionam o nome da marca ou produto num diálogo; 2) *uso do produto ou serviço*: quando a cena mostra utilização do produto ou serviço pela personagem; 3) *conceitual*: a personagem explicita para outro as vantagens, inovações, relevâncias e preços do produto ou serviço; 4) *estímulo visual*: o produto ou serviço é mostrado de forma a ser apreciado, visto no contexto da totalidade da cena, devidamente explorado pela câmera (SCHIAVO, 1999).

O merchandising social é realizado de maneira a enquadrar, da melhor forma possível, no enredo das telenovelas, os temas de cunho social que se pretende focar – trabalho esse narrativamente não problemático, tendo em vista que hodiernamente, como já enfatizamos, as histórias novelescas se encontram em crescente sintonia com a vida cotidiana. Dessa forma, temos personagens apresentando comportamentos e vivendo conflitos que evidenciam aspectos do complexo social que se mostram contingentes, confusos, equivocados, para grande parte dos indivíduos. Nesse sentido, Schiavo (2002) ressalta uma característica intrínseca ao merchandising social: a *contemporaneidade*. Para ser eficaz em seus propósitos de estimular e sustentar mudanças comportamentais junto aos telespectadores, o merchandising social deverá estar em conexão direta com a conjuntura social atual. Diríamos mais, é necessário que a telenovela vá um pouco além das expectativas individuais, evidencie outras possibilidades que se façam compreensíveis, levando o telespectador a se projetar nas situações apresentadas, a experienciar, mesmo que indiretamente, alternativas, soluções, enfim, vivências.

Encontramos em Morin (1975, p. 76) uma síntese do processo descrito acima: “*as imagens se aproximam do real, ideais tornam-se modelos, que incitam a uma certa práxis...*”. De fato, o que se constata em última instância em relação ao merchandising social é a tipificação de situações e a constituição de modelos de conduta que lhes sejam apropriados. Deste modo, podemos dizer que o tratamento das questões sociais no âmbito da telenovela não se limita a mostrar os problemas, mas enfatiza alternativas de solução, indica estratégias de ação – simples em sua execução –, que podem ser realizadas pelos telespectadores em seu cotidiano (SCHIAVO, 2002, p. 1).

Se compreendermos essa construção midiática e seu impacto na sociedade através da *teoria da aprendizagem social*, concluímos que

Se determinado padrão de comportamento é adotado como modelo, e se esse padrão é identificado como solucionador de problemas, compensador, ou de outra forma qualquer desejável por suas consequências, aumenta a probabilidade de ele ser adotado por um observador. Se sua adoção de fato resultar em consequências positivas, este modelo [...] em particular provavelmente persistirá como parte mais ou menos permanente do repertório do indivíduo (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 232).

O merchandising social, praticado no âmbito das telenovelas, gira em torno de um temário amplo que contempla desde questões ligadas à proteção ambiental, passando por diversos tipos de preconceito – sejam eles raciais, de gênero, diversidade sexual, de classe... –, até a veiculação de informações que esclarecem aspectos ligados à saúde e ao bem-estar social. Empiricamente, pode-se constatar que muitas dessas temáticas geraram ampla mobilização, culminando em modificações nos modos de ver, pensar e sentir certos assuntos.

A Rede Globo é, dentre as emissoras brasileiras, a que de fato sistematizou a prática do merchandising social, mantendo inclusive um elenco de autores que já pensam a ficção dentro desse processo de engajamento social. Os exemplos mais significativos se encontram nas produções assinadas por Glória Perez e Manoel Carlos.

Segundo Manoel Carlos, “a ficção tem sido uma boa aliada no esclarecimento de questões importantes para a sociedade e a telenovela, como o mais abrangente dos gêneros ficcionais, precisa estar atenta a isso” (O ESTADO DE S. PAULO, 06 abr. 2003). Tal postura nos permite compreender a seguinte sentença proferida por aquele novelista: “não posso omitir os problemas que enfrentamos” (EXTRA, 03 jul. 2003). Seguindo tais princípios, em *Laços de Família* (2000), Manoel Carlos levantou a discussão sobre a leucemia, esclarecendo diversos aspectos dessa doença, as formas de diagnóstico, tratamento e possibilidades de cura, acentuando a importância da doação de medula. Na época, em decorrência da campanha estabelecida no âmbito de tal telenovela, foi registrado pela secretaria de Saúde um aumento significativo de 20 a 200 doações por mês (O ESTADO DE S. PAULO, 06 abr. 2003).

Gloria Perez, por sua vez, vem desenvolvendo em suas tramas os mais variados temas que lhe chamam atenção em seu cotidiano. Foi assim com a problemática das crianças desaparecidas, desenvolvida na trama de *Explode Coração* (1996). Segundo a autora, durante o período em que essa telenovela esteve no ar, 100 crianças foram encontradas. Mais que isso, além de solucionar esses casos de desaparecimento, gerou-se uma intensa discussão sobre os motivos que ocasionam tal situação. Assim, entraram em pauta a questão dos maus tratos aos menores, da miséria, da desestruturação familiar, enfim, de um amplo temário que culminou em ações práticas de caráter solucionador e, acima de tudo, preventivo (O ESTADO DE S. PAULO, 06 abr. 2003).

2.2. Uma proposta de análise sociológica das telenovelas

Assim como Junqueira (2003), acreditamos ser bastante profícua uma abordagem sociológica da telenovela, tendo em vista que essa vem exercendo um importante papel na *reprodução e mudança* sociais. Tal produto cultural se insere numa *rede comunicacional* mais ampla onde circulam valores e crenças que definem os contornos sócio-culturais de uma sociedade. Nas palavras da autora,

[Pressupondo] que as telenovelas ao cumprirem suas funções de “divertissement” cotidiano preenchem funções latentes tanto de reprodução quanto de mudança social, pode-se considerá-las como uma das principais oficinas de construção, reformulação, mistura, reprodução, transformação e negociação de valores morais individuais e sociais que, no final do processo participam da composição das nossas representações sociais de sujeito, família, país, mundo e sociedade (JUNQUEIRA, 2003, p. 2).

Quando outrora ressaltamos que, ao aproximar-se do cotidiano, a telenovela passou a incorporar padrões sociais legítimos e ilegítimos, estávamos justamente lançando luz sobre àquelas funções latentes de reprodução e transformação de padrões sociais que ela vem desempenhando junto à sociedade. No âmbito da *reprodução*, o que se percebe nas narrativas novelescas é a tendência à manutenção do *status quo*, através de uma ênfase num padrão social hegemônico. Isso termina por favorecer, ou melhor, naturalizar a predominância dos valores de determinados grupos sociais. No entanto, a permanência de certos padrões não se dá sem conflitos: ao lado de um discurso reprodutor existe um discurso dissidente, de contestação, visando à *mudança social*. Constata-se, dessa forma, que a telenovela também evidencia outras possibilidades, traz no seu bojo um conjunto de valores “novos”, diferente daqueles já estabelecidos e firmados pelo tempo histórico, desafiando hábitos cotidianos, preconceitos e opiniões já sedimentados no público, gerando, assim, um intenso debate que pode culminar numa transformação social. Acreditamos, portanto, que os textos novelescos, podem, para utilizar os termos de Kellner (2001, p. 145) em relação ao discurso midiático como um todo, “conter também uma crítica social em seus roteiros ideológicos”. Dito isso, importa ressaltar que, nos textos novelescos, *a dimensão da reprodução não elimina a da mudança e vice-versa*, precisamente porque tais dimensões coexistem na ordem social que está sendo representada nas telenovelas.

Com base no que foi exposto logo acima, acreditamos que analisar as representações novelescas pode se mostrar um caminho profícuo para a compreensão das estruturas sociais. Nesse sentido, endossamos o posicionamento de Kellner (2001), o qual defende que os textos midiáticos, devido à proximidade que mantêm com as condições sociais em que surgiram, possibilitam a compreensão da situação política atual, dos pontos fortes e vulneráveis das forças sociais em disputa, bem como das esperanças e dos temores da população. Ou seja, estamos diante de um campo discursivo que nos permite compreender a formação psicológica, sociopolítica e ideológica de determinada sociedade em dado momento da história. Eis o sentido de uma abordagem sociológica das telenovelas.

3. *Mulheres Apaixonadas*: a violência contra a mulher no discurso novelesco

A telenovela *Mulheres Apaixonadas*⁶, devido à ampla mobilização social que foi capaz de suscitar através de sua abordagem de certas problemáticas sociais, pode ser considerada um marco no âmbito da teledramaturgia nacional. Até o momento de sua transmissão, nenhuma outra produção desse gênero havia trazido para seu interior discussões tão em sintonia com a vivência cotidiana, ao ponto de *parecer* que personagens e indivíduos concretos transitavam pelos mesmos espaços, compartilhavam dos mesmos problemas, viviam as mesmas angústias e incertezas quanto à conjuntura social.

Diversos aspectos sociais, que se mostravam problemáticos naquele momento, foram abordados de uma forma tão convincente e provocativa pela telenovela supracitada que os telespectadores se sentiram impelidos à discussão, não conseguiram se mostrar indiferentes à realidade evidenciada pelo enredo novelesco, pois essa, de certa forma, apresentava-se como o “reflexo” de sua própria realidade. Assim, questões como o desrespeito aos idosos e a inobservância dos seus direitos, o alcoolismo, a homoafetividade feminina, a violência urbana... constituíram o contexto narrativo no qual se desenrolaram as diversas relações e conflitos travados entre personagens, cujos comportamentos se mostravam próximos àqueles que adotamos, ou que poderíamos adotar, em situações reais similares às vividas por eles.

Do amplo temário tratado em *Mulheres Apaixonadas*, tomamos como objeto de análise, para o presente artigo, a *violência contra a mulher*. Nas próximas linhas, procuraremos evidenciar alguns detalhes da representação novelesca em torno dessa questão que nos ajudem a perceber aspectos conjunturais do momento sócio-histórico em que se desenvolveu a referida telenovela e que acabaram por determinar a formatação e o sentido da abordagem que essa narrativa deu àquela problemática.

Tomemos como ponto de partida a fala do novelista Manoel Carlos, autor da telenovela em questão:

É muito comum. As mulheres apanham muito dos seus maridos, amantes, namorados, noivos, etc. E era preciso mostrar isso... Primeiro ela é apaixonada pelo homem, então ela apanha muda, quieta, mesmo que não goste... ela aceita na medida em que ela tem medo de perder aquele homem que ela gosta. Depois ela já deixa de gostar, mas é escravizada por ele (memoriaglobo.globo.com).

Ao evidenciar sua preocupação no que diz respeito à questão da violência contra a mulher, Manoel Carlos buscou materializar esse tema em uma representação que fosse capaz de gerar identificação junto àquelas mulheres que passam por tal problema. A sua intenção era conduzi-las

⁶ A telenovela *Mulheres Apaixonadas* foi escrita por Manoel Carlos e dirigida por Ricardo Waddington. Sua transmissão se deu entre 17 de fevereiro e 11 de outubro de 2003, totalizando 203 capítulos.

ao reconhecimento e à necessidade de mudança em relação à situação de violência na qual estão envolvidas.

Surgem, dessa forma, os personagens Raquel – a esposa maltratada – e Marcos – o marido agressor. A partir deles, em certa medida, foi representado o “clico da violência” doméstica contra a mulher, o qual, segundo Walker (*apud* OLIVEIRA, 2004), divide-se em três estágios, marcados por várias formas de abuso que aumentam em frequência e intensidade. Vejamos, em paralelo com uma descrição da representação novelesca, como tais estágios se apresentam:

➤ *Primeira fase:* é o momento em que surge a tensão, no qual ocorrem pequenos incidentes, como agressões verbais, ameaça, quebra de objetos por parte do parceiro. Frente a isso, a mulher tende a se mostrar ponderada, tentando acalmá-lo. Na telenovela, essa situação foi evidenciada em diversos momentos, nos quais Marcos aparece bastante irritado, por quaisquer motivos – normalmente relacionados a ciúmes –, em relação à Raquel. Em tais momentos, ele se mostra extremamente agitado e ríspido em suas palavras, exprimindo um excesso de raiva que acaba por deixar apreensiva sua esposa. Essa, por diversas vias, tenta contornar a situação visando à restauração da tranquilidade;

➤ *Segunda fase:* aqui, a situação chega a um nível de tensão extremamente alto e o casal se mostra descontrolado. Nesse momento, evidenciam-se as agressões agudas do homem em relação à mulher. Numa cena veiculada em 03 de outubro de 2003, a narrativa novelesca em questão dá uma noção do que seja esse ápice da violência contra a mulher: irritada com a presença de Marcos, Raquel pediu para que ele saísse de sua casa. Marcos, então, ameaçou bater em Raquel com uma raquete de tênis. Aquela personagem, assustada, só conseguiu exprimir um “*não*”. Marcos insiste em permanecer no local, mas Raquel, já extremamente agitada, esbraveja: “*sai daqui. Eu te odeio. Eu tenho nojo de você. Eu tenho nojo do seu corpo, nojo dos seus beijos. Sai daqui!*”. Então, enfurecido, Marcos avança pra cima dela e a espanca com a raquete de tênis que portava;

➤ *Terceira fase:* caracteriza-se por um período de calmaria – “lua de mel” – em que o agressor manifesta remorso e promete não mais agredir sua parceira. No entanto, essa paz não dura por muito tempo. E, logo em seguida, o ciclo recomeça. Essa situação pôde ser percebida em uma das cenas analisadas de *Mulheres Apaixonadas*: após uma intensa discussão, Marcos se voltou para sua esposa – que havia se trancado no quarto –, com o seguinte discurso: “*Raquel, nós já conversamos meu amor. Vamos esquecer tudo isso. Olha, eu já esqueci. Deixa eu entrar. Deixa eu entrar meu amor. Raquel, Raquelzinha, eu prometo que me comporto direitinho*”.

Oliveira (2004, p. 34) previne que a percepção da violência contra a mulher a partir dessas três fases pode gerar análises pouco consistentes, justamente por ser um modelo bastante simplista que reduz demais a complexidade de tal situação. No entanto, a autora aponta que é possível, à luz deste “ciclo da violência”, conjecturar quando a mulher resolve buscar ajuda: “no momento em que a primeira e a última fase, da construção da tensão e da ‘lua de mel’, tornam-se cada vez mais curtas, enquanto a fase de agressões intensas é ampliada a cada repetição do ciclo”. Foi justamente o que aconteceu no desenrolar da representação novelesca. Após ser brutalmente espancada, Raquel assumiu o seguinte posicionamento: “*eu não posso mais me calar. Aceitar esse sofrimento passivamente, eu não posso mais. [...] Eu tenho que dar um basta no Marcos*”. Logo em seguida, ela encaminhou-se à delegacia da mulher onde denunciou as agressões do marido.

Mas por que, mesmo sofrendo constantemente maus-tratos, as mulheres protelam tanto em delatar seus companheiros? A representação novelesca oferece, mesmo que simploriamente, algumas possíveis respostas para essa questão: 1) se, num primeiro momento, Raquel não denunciou o seu marido, Marcos, é porque ainda o amava: “*claro, eu gostava dele, por isso eu escondi, escondi da minha família, dos meus amigos. E eu nunca pude me imaginar entrando numa delegacia e fazer uma queixa contra ele*”, assume Raquel. Numa outra cena, ela ressalta: “*é claro que nós tivemos bons momentos [...]. Eu me lembro deles, do mesmo jeito que eu me lembro dos maus momentos. Foram oito anos*”; 2) o medo da alta exposição, do escândalo, atrelado ao receio em envolver sua família e seus amigos em tal situação, também reprimia Raquel. Nas palavras dessa personagem: “*eu tenho medo de criar problemas pra muitas pessoas na tentativa de resolver um, que é só meu. [...] Meu pai, meu pai é um homem público, conhecido. Eu, uma professora. Eu ensinava numa das melhores escolas de São Paulo. O meu irmão é um médico, um médico conceituado, cheio de clientes. Eu tenho vergonha*”; 3) as constantes ameaças que seu marido lhe fazia também a deixava acuada: “*ele me segue por todos os lados. Ele telefona, faz ameaças [...]. É um inferno*”, lamenta Raquel; 4) Além do mais, mesmo que essa personagem tenha percebido a sua condição de oprimida em um relacionamento violento, é possível se notar que ela – assim como algumas mulheres que são agredidas – acrescentou à violência física, sexual e psicológica que sofria por parte do marido, “a sua auto-violência emocional, sua incapacidade de dar um fim a uma situação aparentemente insuportável” (GROSSI, 2000, p. 301).

Chama-nos atenção o processo identificatório, constatado por Porto (2004, p. 125), que fora suscitado por essa composição novelesca junto a mulheres que, através da personagem Raquel, viram-se representadas. Ilustrando esse processo *especular*, a referida autora nos traz uma

comparação, estabelecida por uma determinada telespectadora, entre a representação da violência doméstica contra a mulher, exposta na telenovela *Mulheres Apaixonadas*, e a sua experiência pessoal enquanto vítima das agressões de seu companheiro:

Então é a mesma coisa que nem aconteceu comigo na minha vida eu tive medo de denunciar, no caso eu tive medo de falar com as pessoas para ele [o marido] não ficar com mais raiva e não vir dar em mim dobrado. É que nem na novela, eu vivi aquilo. Tudo que ela [a personagem Raquel] tá vivendo, vivi.

3.1. Impunidade na telenovela releva impunidade na vida cotidiana

No momento em que a telenovela *Mulheres Apaixonadas* estava sendo transmitida, a saber, entre 17 de fevereiro e 11 de outubro de 2003, o aparato legal brasileiro ainda considerava as agressões cometidas contra a mulher enquanto crimes de menor potencial ofensivo. Nessa condição, as penalidades que lhes eram outorgadas giravam em torno da prestação de serviços comunitários. Isso acabava por gerar uma imensa sensação de *impunidade*, pois, além de ser uma pena nem um pouco condizente com os atos perpetrados pelos agressores, em termos práticos, não eliminava o risco de futuras agressões.

Na trama novelesca, quando a personagem Raquel expôs a um amigo advogado que iria denunciar seu marido Marcos pelas constantes agressões que esse lhe causava, nos deparamos com a evidenciação da situação legal apontada acima: “*se você está pensando que ele vai ser preso ou que vai deixar de bater em você por causa disso, pode tirar o seu cavalinho da chuva, não perca o seu tempo. Eu já vi muitas mulheres denunciarem os maridos e não dar em nada. O sujeito paga algumas cestas básicas e depois sai assoviando*”, diz o advogado à Raquel, alertando-a de que, em termos práticos, “*a lei no Brasil não defende a mulher em violência doméstica*”. No entanto, mesmo sabendo de tais condições, Raquel se manteve firme em seu propósito, pois já não aguentava mais a situação de violência na qual se encontrava, e segue na esperança de mudanças: “*a partir de agora [...] vou lutar para que essa lei seja mudada*”, ela responde ao advogado, mostrando-se determinada.

Dessa forma, o discurso novelesco ofereceu um caminho possível a ser seguido pelas diversas mulheres que sofrem com as agressões de seus companheiros, a saber: a *denúncia*. Esse caminho se mostra provavelmente o mais indicado tendo em vista que, como ressalta Silva (1992, p. 79), “a conspiração do silêncio dá suporte à opressão e é cúmplice da violência”, sendo a fala feminina um instrumento importante de transformação dessa realidade.

4 Da instância ficcional à mobilização midiática e social

Já tendo sido observado o modo como se caracterizou a representação da violência contra a mulher no âmbito da telenovela *Mulheres Apaixonadas*, resta-nos agora analisar a mobilização midiática, social e política gerada a partir dessa representação. Com isso, interessa-nos demonstrar, em última instância, a importância que essa narrativa novelesca teve no processo de desenvolvimento de um conjunto de ações políticas e jurídicas destinadas a combater aquela forma de violência – podemos dizer que o ápice dessas ações foi, precisamente, a aprovação, em 07 de agosto de 2006, da chamada Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340/06), que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

4.1 A repercussão da representação novelesca

Como apontamos no início de nosso trabalho, a estrutura midiática se configura de maneira *reticular*, o que possibilita o livre *trânsito informacional* entre seus diversos setores. É precisamente por assumir a forma de uma rede que a estrutura midiática encontra em si mesma sua própria via de sustentação: a interconexão entre os *media* faz com que um *medium* legitime o outro. Podemos perceber tal situação, por exemplo, quando um tema proposto no âmbito de uma telenovela é assimilado pelas instâncias noticiosas que o ampliam e o contextualizam no complexo social. No entanto, como já dissemos noutro lugar, é importante se perceber que “a presença de temas novelescos em espaços jornalísticos destinados aos relatos do cotidiano está diretamente relacionada à sua *factualidade*, ou seja, a ancoragem da telenovela em questões atuais do contexto social no qual está inserida” (PIRES, 2009, p. 105-106).

Em se tratando da repercussão midiática alcançada pela representação da violência contra a mulher, construída na telenovela *Mulheres Apaixonadas*, pudemos constatar que tal representação novelesca foi constantemente citada pelas instâncias jornalísticas ora como motivadora da ampla discussão gerada em torno da referida problemática ora como ilustração desta situação de violência tão presente no cotidiano de diversas mulheres. Nesse sentido, vejamos excertos retirados de alguns periódicos:

A violência contra a mulher está na pauta do dia em função da novela das 8h, “Mulheres Apaixonadas”. Uma pesquisa, realizada no Brasil pela Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo) e coordenada pela Organização Mundial de Saúde, mostra que essa situação é muito mais comum do que se imaginava (FOLHA DE SÃO PAULO, 21 jul. 2003).

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva entrou ontem no clima da novela “Mulheres Apaixonadas” e recomendou às mulheres que se unam contra os homens que as espancam. “Mulheres do mundo, uni-vos contra os raqueteiros”, disse Lula (FOLHA DE SÃO PAULO, 28 ago. 2003).

Homem que bate em mulher deveria ter punição mais severa, defenderam ontem os atores Helena Ranaldi e Dan Stulbach, que interpretam na novela “Mulheres Apaixonadas”, da Rede Globo, mulher agredida e marido violento. Eles foram estrelas da cerimônia de lançamento do programa do governo de combate à violência contra a mulher (A NOTÍCIA, 28 ago. 2003).

Todas as iniciativas, seja das entidades de defesa da mulher, seja da imprensa ou de programas de televisão, podem contribuir para encorajar as mulheres vítimas de violência a denunciar. A novela *Mulheres Apaixonadas* [...] é um exemplo da força da televisão nesse tipo de luta (O POPULAR, 24 set. 2003).

No embalo da repercussão de *Mulheres Apaixonadas*, Congresso apressa votação de propostas que aumentam as penas para quem agredir mulheres. O drama da personagem Raquel encoraja vítimas a denunciar (CORREIO BRASILIENSE, 15 out. 2003).

O drama vivido pelas personagens de “*Mulheres Apaixonadas*” expôs o problema e proporcionou a discussão sobre a ineficiência e as lacunas da nossa legislação, que não oferece proteção à pessoa em situação de violência e nem pune o agressor. Essas questões, há anos levantadas pelos movimentos feminista e de mulheres, ganharam urgência e relevância com a exibição da novela *Global*. No Congresso Nacional, várias proposições legislativas foram apresentadas e outras, que tramitavam a passos lentos, finalmente ganharam status de matéria prioritária (JORNAL FÊMEA, out. 2003).

Esse caso de mobilização midiática, gerado a partir de uma determinada narrativa novelesca, evidencia um pouco da extensão da *rede de circulação informacional* na qual estão inseridas as telenovelas. Eis uma das consequências práticas dessa estrutura reticular: mesmo aquelas pessoas que não acompanham os enredos novelescos acabam sendo inseridas, via meios noticiosos, no âmbito das possíveis discussões que tais enredos suscitam.

O importante papel exercido por *Mulheres Apaixonadas* na promoção de um amplo debate acerca da violência contra a mulher foi reconhecido por diversos setores da sociedade, inclusive por aqueles diretamente envolvidos nessa questão. Estamos falando da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) – grupo formado por feministas, que desde 1994 vem lutando pelos direitos das mulheres. Em seus arquivos, pudemos localizar relatórios acerca do monitoramento sobre a condição da mulher em várias regiões do Brasil, realizados no ano de 2003. Em quatro desses relatórios, a telenovela em questão foi citada: no primeiro, que traz as impressões do Fórum de Mulheres do Rio Grande do Norte (2003), há a informação de que em uma das mesas redondas realizadas nesse encontro, a cena de *Mulheres Apaixonadas* que mostra a personagem Raquel sendo espancada por seu marido, Marcos, foi exibida como ilustração de um problema recorrente que o poder judiciário se mostrava incapaz de solucionar; no segundo relatório, produzido pela

Articulação de Mulheres do Amapá (2003), a responsável pela Delegacia de Mulheres de Macapá, Dra. Josimari, elogiou a telenovela supracitada e ressaltou que “em se tratando da pena ao agressor, precisamos lutar para modificar a legislação vigente”; no terceiro relatório, elaborado pelo Fórum de Mulheres Cearenses (2003), encontramos, em entrevista realizada junto à delegada Ivana Timbó, uma menção à representação novelesca e à forma como essa abordou o atendimento no âmbito da Delegacia da Mulher; e, por fim, nas reflexões do Fórum de Mulheres Tocantinenses (2003), vê-se a seguinte menção à telenovela *Mulheres Apaixonadas*: “a personagem Raquel impõe ao marido a paridade, a igualdade entre as partes. O marido pratica violência contra ela, ela separa, mas tem medo de denunciar, se sente emocionalmente como vítima. A mídia ajuda na reflexão quando põe em pauta essas situações e tem ajudado a aumentar os índices de denúncia”.

Diante de tamanha mobilização midiático-social, o setor político não podia se mostrar indiferente a ampla discussão que se formava. O problema da violência contra a mulher exigia uma solução, um posicionamento, e nossos governantes perceberam a demanda da sociedade. Através de seus discursos, proferidos no plenário da Câmara dos Deputados, alguns políticos se mostraram em sintonia com a discussão social e reconheceram a *função mobilizadora* da telenovela *Mulheres Apaixonadas*:

A novela mostrou a agressão doméstica sofrida por uma professora, que foi levada a registrar queixa na delegacia depois de exame no IML. As mulheres que sofrem agressão doméstica sabem o que isso significa em termos de auto-estima (DEP. YEDA CRUSIUS - PSDB-RS, 25 set. 2003).

Há uma revolução em curso no País e precisamos trazê-la para esta Casa o mais rápido possível, por sermos nós, Parlamentares, observadores dos mais diversos problemas vividos pela sociedade brasileira, competentes para ordenar os compromissos de solução por meio das leis que temos como missão editar.

A realidade espelhada com profissionalismo e propriedade pela Rede Globo de Televisão nos últimos meses, por meio de ficção, mostra a extensão do problema da violência contra a mulher brasileira (DEP. KÁTIA ABREU, PFL-TO, 29 set. 2003).

Nas duas últimas semanas, as mulheres brasileiras, provocadas pela novela *Mulheres Apaixonadas*, vêm discutindo com intensidade a questão da pena a que são submetidos os homens que espancam suas companheiras (DEP. MANINHA, PT-DF, 29 set. 2003).

Como se pode perceber, a telenovela *Mulheres Apaixonadas* elevou, de fato, o tema da violência contra a mulher a uma posição de destaque na agenda pública, justamente por mostrar-se condizente com os anseios da sociedade. A discussão instaurada gerou um amplo processo de conscientização social, o que culminou em ações concretas visando a solução daquela

problemática. Exporemos, nas linhas seguintes, alguns dos resultados efetivos dessa discussão em âmbito legal.

4.2 A representação novelesca impulsiona a ação social

Dissemos anteriormente que a *teoria da aprendizagem social* era um caminho possível para se compreender, em alguns aspectos, o impacto do discurso midiático na sociedade. Assim, observando a influência da telenovela *Mulheres Apaixonadas* sobre os indivíduos através dessa perspectiva, podemos concluir que, quando tal narrativa mostrou as agressões cometidas por Marcos sobre sua esposa Raquel, diversas mulheres, que passavam por situação parecida, se identificaram com essa personagem. O fato que nos interessa aqui é perceber que esse processo de identificação gerou uma *prática*: quando Raquel toma a decisão de denunciar seu marido junto à Delegacia da Mulher, esse comportamento foi percebido em sua concreta possibilidade, fazendo com que àquelas mulheres se projetassem em tal ação e, conseqüentemente, também a realizassem. Em outras palavras, “se uma pessoa vê outra usando determinada técnica para enfrentar com sucesso um problema com o qual o observador de vez em quando tem que se haver ela pode experimentar esse modelo de comportamento como uma solução pessoal em potencial” (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 231-232).

Alguns dados corroboram nossa análise: segundo Macedo e Meneses (2005), no ano de 2003, quando fora transmitida a telenovela em questão, registraram-se, na cidade de Palmas – Estado do Tocantins –, 894 denúncias, contra 527 do ano anterior. Ou seja, um aumento de aproximadamente 69,64% nas ocorrências registradas; de acordo com Nascimento (2003), na cidade de Teresina – Estado do Piauí –, o número de casos de violência doméstica denunciados, em 2002, na delegacia da mulher, foi de 1.858. Quando comparados esses números aos de 2003 – 2.255 ocorrências contabilizadas –, percebe-se um aumento de quase 19,75%.

O aumento das denúncias em relação à violência contra a mulher atrelado à demanda crescente de diversos setores organizados da população, tudo isso sendo intensificado e, em certa medida, até mesmo incentivado através da supracitada representação novelesca e de suas diversas vias de reverberação midiática, se fez sentir junto aos governantes, os quais foram impelidos, por tal conjuntura social, a tomarem providências que pudessem inibir a violência contra a mulher. Um exemplo significativo, nesse sentido, ocorreu em 27 de agosto de 2003, quando o então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o “Programa de Combate à Violência contra a Mulher”, que se incumbiu de ampliar e apoiar as instâncias que dão atendimento, proteção e

suporte jurídico às mulheres que são vítimas de violência. No discurso do presidente se encontra uma menção à referida representação novelesca. Lula diz: “aquilo, na verdade, é uma coisa do cotidiano deste país [...]. Só que, na vida real, não é uma raquete. Na vida real, a coisa é mais bruta, é mais desumana”. E completa: “acho que a televisão pode ser um instrumento excepcional para que a gente também possa ajudar a formar a nossa gente”.

No âmbito legislativo, até onde pudemos averiguar, constatamos os seguintes textos legais voltados à problemática da violência contra a mulher, que foram produzidos durante e após a transmissão da telenovela *Mulheres Apaixonadas*:

- Em 03 de julho de 2003, o Deputado Federal Renato Cozzolino (PSC-RJ) trouxe à apreciação do plenário o Projeto de Lei nº 1.399, que dispõe sobre o Estatuto da Mulher. Em seu artigo 17, reconhece a atuação dos meios de comunicação no processo de conscientização da população a propósito da condição da mulher no Brasil. No texto legal se encontra a seguinte orientação em relação a tais meios: “Promover ações nos meios de comunicação, em escolas e em igrejas, com a finalidade de prestar informações e orientações básicas à saúde da mulher, medidas contra violência doméstica e abuso sexual, e de planejamento familiar, além de outros que visem a promoção de sua auto-estima” (Art. 17, PL 1399, 2003, p. 7-8).
- No Projeto de Lei nº 2.069, de 24 de setembro de 2003, proposto pela Deputada Federal Kátia Abreu (PFL-TO), constata-se a busca por penas mais duras aos atos dolosos de agressão cometidos contra a pessoa. É interessante observar ainda, na justificativa desse texto legal, o reconhecimento do importante papel exercido por *Mulheres Apaixonadas* na promoção do debate em torno da violência doméstica: “ao abordar o problema da violência contra as mulheres na novela das oito, o escritor Manoel Carlos abre a oportunidade de um amplo debate nacional sobre o assunto. Um debate que o Congresso Nacional deve assumir, por meio de uma participação ativa que inclui a discussão e a aprovação de lei que iniba, de forma efetiva, a dor da lesão corporal para as mulheres” (PL 2069, 2003, p. 4).
- A Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006, chamada de “Lei Maria da Penha”, que foi fruto do Projeto de Lei nº 4.559-C, de 2004, é o recurso jurídico mais eficaz, até o momento, no sentido de instituir mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Em seu texto, encontra-se claramente exposto o papel da mídia na realização de tal intento: requere-se “o respeito, nos meios de comunicação social, dos valores éticos e sociais da pessoa e da família, de forma a coibir os papéis estereotipados que legitimem ou exacerbem a violência doméstica e familiar” (Inciso III, Art. 8, Lei 11.340, 2006, p. 3). Dessa forma, aponta-se que a co-

responsabilização da instituição midiática é importante para operacionalizar ações com vistas à promoção dos direitos humanos.

5 Considerações finais

Por tudo que foi exposto, percebe-se claramente que a telenovela *Mulheres Apaixonadas*, ao dar ampla visibilidade ao tema da violência contra mulher, expandiu o espaço dos debates em torno dessa problemática social que, vale ressaltar, há muito já vinham sendo suscitados pelos movimentos feministas. Debates esses que culminaram na aprovação da Lei Maria da Penha, a qual se transformou em uma das maiores conquistas da luta feminista em prol dos direitos das mulheres.

Se outrora a violência doméstica que subjogava a mulher era algo “invisível”, pois sua discussão estava circunscrita aos espaços acadêmicos e/ou à esfera dos movimentos feministas, não chegando, com isso, ao conhecimento de uma parte significativa da população brasileira, para a qual esse tipo de violência sequer tinha um nome, a partir de *Mulheres Apaixonadas* e da mobilização midiática e social gerada com a sua veiculação, tal situação começou a ser revertida: através da representação novelesca, evidenciou-se e, ao mesmo tempo, problematizou-se, em *larga escala*, uma situação recorrente. Visibilidade essa que gerou um *mal-estar* coletivo e que demandou soluções.

Podemos concluir, dessa forma, que, de fato, o fenômeno mais importante ligado à telenovela é a sua repercussão na vida social a partir da prática de “falar da telenovela” que é, hoje, um ritual cotidiano no Brasil. As telenovelas, comprovadamente, produzem um debate público que as ultrapassa, reverberando pelas mais variadas instâncias sociais. Além disso, como aponta Junqueira (2003, p. 3), “a novela é um dos poucos produtos da mídia nacional que consegue produzir temas comuns de debate para discussões que interessam ao mesmo tempo à classe média e às classes subalternas, e isto se dá no momento em que crescem as distâncias reais entre estas duas classes”. A autora ainda ressalta a importância de se estudar esse gênero narrativo de maneira mais aprofundada, principalmente no que concerne ao debate que ele produz, a fim de que se possam detectar mecanismos de formação e transformação de representações importantes que produzam a equidade social.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflexions on the origins and spread of nationalism*. 2. ed. Londres: Verso, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Seguido de: A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRASIL. Lei Maria da Penha: Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006. Dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Senado Federal, 2008. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/2006/lei-11340-7-agosto-2006-545133-norma-pl.html>>. Acesso em: 05 maio 2009.

BRASIL. Projeto de Lei n. 1399, de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Mulher e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/145460.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2009.

BRASIL. Projeto de Lei n. 1399, de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Mulher e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/145460.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2009.

BRASIL. Projeto de Lei n. 2069, de 2003. Acrescenta parágrafo aos artigos 61 e 89 da Lei 9.099, 26 de setembro de 1995. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/Prop_Deta_lhe.asp?id=134947>. Acesso em: 05 maio 2009.

BRASIL. Projeto de Lei n. 4559-C, de 2004. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/385175.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2009.

COSTELLA, Antonio. *Comunicação: do grito ao satélite*. 3. ed. São Paulo: Mantiqueira, 1984.

CRIADO conselho de defesa da mulher. *ANotícia*, Joinville, 28 ago 2003. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/2003/ago/28/0pai.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA. Lula convoca união contra os “raqueteiros”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 ago. 2003. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2808200312.htm>>. Acesso em: 06 abr. 2009.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

DEP. FEDERAL KÁTIA ABREU. *Discursos e Notas Taquigráficas*. 29 set. 2003. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/>>. Acesso em: 06 maio 2009.

DEP. FEDERAL MANINHA. *Discursos e Notas Taquigráficas*. 29 set. 2003. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/>>. Acesso em: 06 maio 2009.

DEP. FEDERAL YEDA CRUSIUS. *Discursos e Notas Taquigráficas*. 25 set. 2003. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/>>. Acesso em: 06 maio 2009.

DEZ anos de silêncio, em média. *O Popular*, Goiânia, 24 set. 2003. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/noticia/dez-anos-de-silencio-em-media>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

DO COLUNISTA DA FOLHA. Violência contra a mulher é grande no país. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 jul. 2003. Folhateen. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2107200315.htm>>. Acesso em: 06 abr. 2009.

GIRALDI, Renata. Se bater, leva. *Correio Brasiliense*, Brasília, 15 out. 2003. Brasil.

GROSSI, Miriam Pillar. Rimando amor e dor: reflexões sobre a violência no vínculo afetivo-conjugal. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.). *Masculino, feminino, plural: Gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 2000, pp. 293-313.

HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas do cotidiano. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 4, pp. 439- 487.

JACINTO, Etienne, JIMENEZ, Keila. Indústria do social. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 06 abr. 2003.

JUNQUEIRA, Lília. Reflexões sobre a ficção televisiva brasileira e as representações sociais do personalismo. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 26., 2003, Belo Horizonte. Anais... São Paulo: Intercom, 2003. CD-ROM

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Narrativas televisivas e identidade nacional: o caso da telenovela brasileira. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 25., 2002, Salvador. Anais... São Paulo: Intercom, 2002. CD-ROM.

MACEDO, Gisele Andrade; MENESES, Verônica Dantas. A telenovela Mulheres Apaixonadas e as denúncias contra a violência doméstica em Palmas/TO. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

MANOEL CARLOS - Depoimento In: Mulheres Apaixonadas: sobre violência doméstica. *Memória Globo*. Rio de Janeiro: Central Globo de Comunicação. Vídeo online (38s), son., color., arquivo FLV. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/TVGlobo/Comunicacao/Institucional/memoriaglobo/CDA/Pop/tvg_cmp_memoriaglobo_pop_video/0,33213,175910,00.html>. Acesso em: 06 out. 2008.

MONITORAMENTO da violência contra a mulher no Estado do Ceará. *Fórum de Mulheres Cearenses*: Fortaleza, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.articulacaodemulheres.org.br/publique/media/rmceara.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2010

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*: Neurose. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

NASCIMENTO, Renato Souza do. *Merchandising Social na telenovela Mulheres Apaixonadas*. 2003. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Piauí, Teresina. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos/mulheres-apaixonadas/mulheres-apaixonadas.shtml>>. Acesso em: 22 jun. 2010

O DESTINO já está traçado. *Extra*, Rio de Janeiro, 03 jul. 2003. Geral.

OLIVEIRA, Kátia Lenz César de. *Quem tiver a garganta maior vai engolir o outro*: sobre violências conjugais contemporâneas. São Paulo: casa do Psicólogo, 2004.

PIRES, Welkson. *Do factual ao ficcional e vice-versa*: sobre o trânsito informacional na ambiência midiática. 2009. 136f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba,

João Pessoa. Disponível em: <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=394>. Acesso em: 02 out. 2010.

PORTO, Janice Regina Rangel. *Violência contra a mulher: expectativas de um acolhimento humanizado*. 2004. 162f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PRES. LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA. Discurso do presidente da República na cerimônia de posse do Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres e lançamento do Programa de Combate à Violência contra a Mulher. 27 ago. 2003. Disponível em: <http://www.radiobras.gov.br/integras/03/integra_270803_02.htm>. Acesso em: 06 maio 2009.

RELATÓRIO das atividades do monitoramento da violência contra a mulher no Rio Grande do Norte. *Fórum de Mulheres do Estado do Rio Grande do Norte*: Natal, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.articulacaodemulheres.org.br/publique/media/rmnatal.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2010

RELATÓRIO do I Encontro de Monitoramento da Violência Contra a Mulher no Estado do Amapá. *Articulação de Mulheres do Amapá*: Macapá, set. 2003. Disponível em: <<http://www.articulacaodemulheres.org.br/publique/media/rmamapa.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2010

SCHIAVO, Márcio Ruiz. Merchandising social: as telenovelas e a construção da cidadania. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 25., 2002, Salvador. Anais... São Paulo: Intercom, 2002. CD-ROM.

SCHIAVO, Márcio. *Merchandising social: uma estratégia de sócio-educação para grandes audiências*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1999.

SILVA, Marlise Vinagre. *Violência contra a mulher: quem mete a colher?* São Paulo: Cortez, 1992.

SÍNTESE, análises e reflexões do Fórum de Articulação de Mulheres Tocantinenses. *Articulação de Mulheres Tocantinenses*: Palmas, set. 2003. Disponível em: <<http://www.articulacaodemulheres.org.br/publique/media/rmtocantins.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2010

VIOLÊNCIA doméstica: um desafio para o Legislativo. *Jornal Fêmea*, Brasília, n. 129, out. 2003, p. 4. Disponível em: <<http://www.cfemea.org.br/jornalfemea/detalhes.asp?IDJornalFemea=1144>>. Acesso em: 15 set. 2010.

Recebido em: 13 de junho de 2016.

Aceito em: 31 de agosto de 2016.